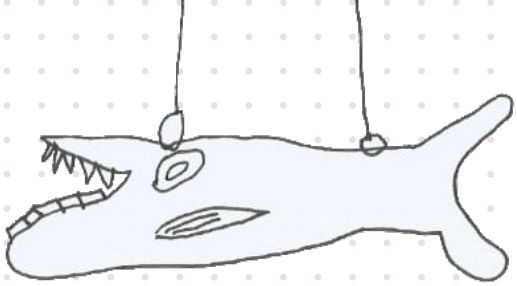
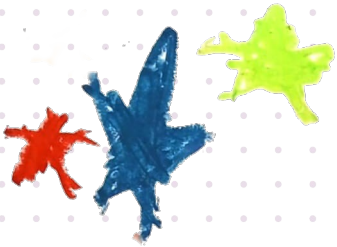
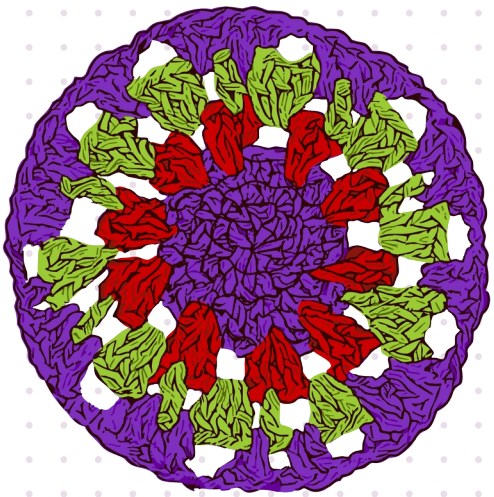


Como acolher crianças em eventos científicos





RAFeCT

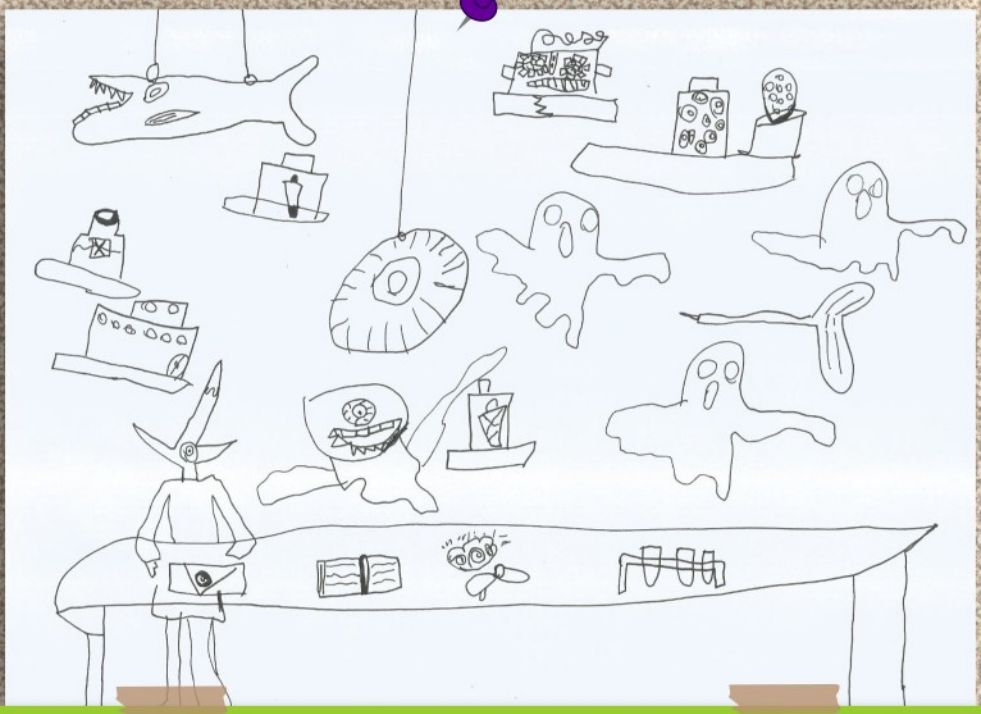
Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias

Na América Latina, o debate sobre parentalidade no âmbito acadêmico vem se desenvolvendo a partir de pesquisas e discussões em diferentes áreas há pelo menos dez anos. O grupo brasileiro de pesquisa Parent in Science tem publicado diversos estudos sobre o impacto da maternidade na produção científica de mulheres-mães, desde estudantes de pós-graduação até professoras [1] [2] [3] [4] [5]. Na Argentina, as desigualdades de gênero na ciência se expressam especialmente na menor participação de mulheres em cargos hierárquicos, e a distribuição das tarefas de cuidado tem sido central nas explicações do chamado “teto de cristal” [6]. Condições semelhantes se observam também em países como Chile e Colômbia.

"Cientista menina" - Elena, 6 anos

"Minha tia trabalhando" - Maria Eduarda, 5 anos

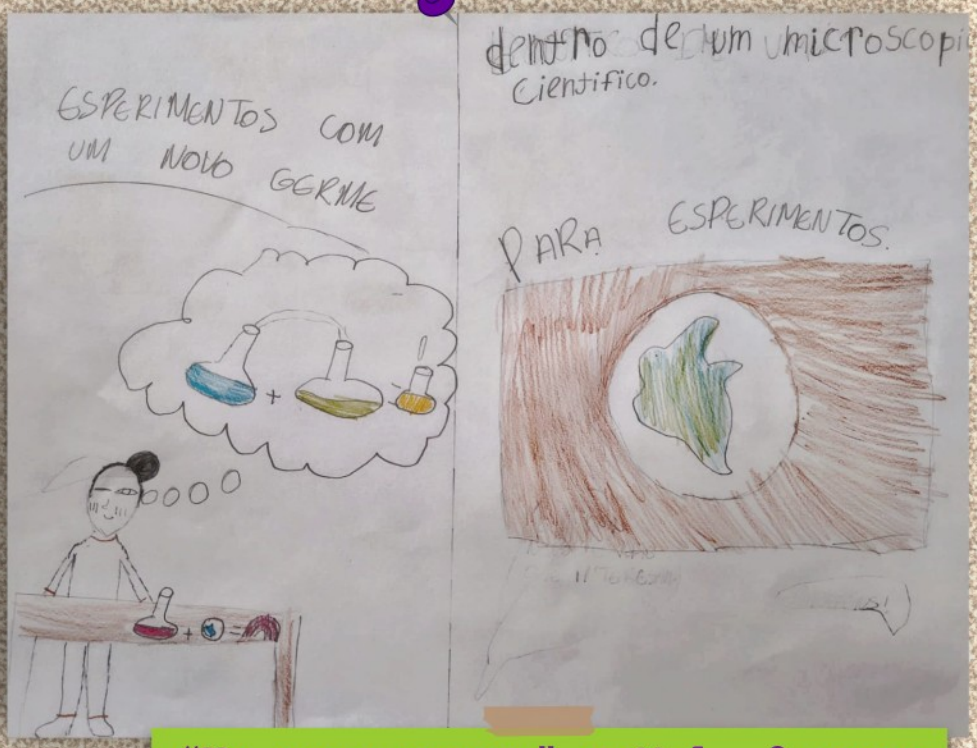
Ao longo desse tempo, e por meio de lutas políticas dentro e fora das universidades, foram alcançados alguns avanços, como: a criação, na Argentina, de espaços institucionais de lactários, creches e dispositivos de educação não formal, de cuidado e recreação, com pessoal especializado [7]; a inclusão do período de licença-maternidade no currículo Lattes de pesquisadoras brasileiras [8]; a ampliação da duração das bolsas para pesquisadoras e licença maternidade no Chile[9], na Argentina [10], e no Brasil [11]; a criação de editais de pesquisa voltados a pesquisadoras-mães e mulheres no Brasil [12] e na Colômbia [13] [14]; a ampliação do período de avaliação da produção acadêmica em chamadas de importantes agências de fomento do Brasil [15] e do Chile [16]; e a dispensa da entrega de relatórios de atividades durante o ano de nascimento, na Argentina [17]. Algumas agências de fomento também passaram a prever recursos para espaços de acolhimento de crianças em seus editais de apoio a eventos científicos, reconhecendo a pertinência dessa demanda diante dos novos arranjos familiares e de cuidado, que muitas vezes levam pesquisadoras e pesquisadores a participar dos eventos em companhia de suas crianças [18] [19] [20] [21] [22].



"Laboratório do terror" - João, 7 anos

"Ciências" - Teresa, 8 anos

Sabemos que, embora hoje o cenário seja mais favorável a esse tipo de reivindicação, ainda enfrentamos desafios para sua concretização, pois o cuidado de crianças envolve múltiplas responsabilidades. Com o objetivo de fortalecer a presença de pesquisadoras-mães em eventos acadêmicos, a Rede Latino-Americana de Antropologia Feminista das Ciências e das Tecnologias (RAFeCT) apresenta esta cartilha, que busca apoiar pessoas e instituições na organização de espaços dedicados ao cuidado de crianças em eventos científicos. Acreditamos que, com articulação antecipada, diálogo com a comunidade acadêmica e planejamento, é possível criar exemplos bem-sucedidos de atividades para crianças em congressos, como vem ocorrendo nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), que desde 2006 prevê esses espaços em seus congressos bienais.



"Um novo germe" - Mel, 8 anos

"Um congresso de brincadeira" - Olívia, 6 anos

Algumas recomendações para um acolhimento adequado de crianças em eventos científicos

1. Definir, no momento da criação das comissões organizadoras do evento, uma comissão responsável pelo espaço de cuidado de crianças. Essa comissão deve: identificar as necessidades previstas de espaço e atividades; buscar editais de apoio a eventos que permitam financiar atividades voltadas a crianças; dialogar com a direção dos cursos da universidade/instituição que sediará o evento para articular apoios internos e/ou buscar entidades que ofereçam esse serviço; mapear a demanda e elaborar uma planilha de custos; avaliar a necessidade de cobertura de seguro para crianças nas instalações, de modo a resguardar a responsabilidade civil das pessoas cuidadoras.

2. Definir a faixa etária mínima e máxima de crianças acolhidas no evento sem a presença constante de responsáveis. Recomenda-se definir previamente essa faixa etária, buscando que seja o mais ampla possível, mas considerando a estrutura oferecida pela instituição que sediará o evento e/ou pelas entidades contratadas para o acolhimento. Algumas informações importantes que devem ser obtidas dos prestadores de serviço — e que ajudam a escolher a entidade e definir a faixa etária — incluem: trocam fraldas? auxiliam na alimentação? têm experiência com o cuidado de crianças com deficiência?

3. Prever a demanda com antecedência. Recomenda-se que, assim que forem divulgados os grupos de trabalho aprovados, já se inicie o levantamento de demanda por espaço de acolhimento de crianças, mantendo-o aberto até a divulgação de outras atividades (mesas-redondas, resumos aprovados etc.). Muitas pessoas confirmam sua presença apenas após a aprovação de suas atividades no congresso. Formulários online são úteis nesse processo. É necessário negociar com parcerias institucionais e entidades provedoras de serviços uma data-limite para o fechamento do número total de crianças, permitindo calcular valores reais por criança e comunicar as pessoas responsáveis, se for o caso.

4. Prever a presença de crianças com deficiência, neurodivergentes, com doenças crônicas e/ou alergias. O formulário de levantamento de demanda deve incluir campos específicos para identificar essas condições, a fim de prever profissionais e/ou atividades adaptadas. As equipes — tanto das universidades quanto das entidades contratadas — devem incluir pessoas capacitadas para atender às necessidades específicas de crianças com deficiência ou neurodivergentes. Por isso, o estudo prévio da demanda é fundamental.

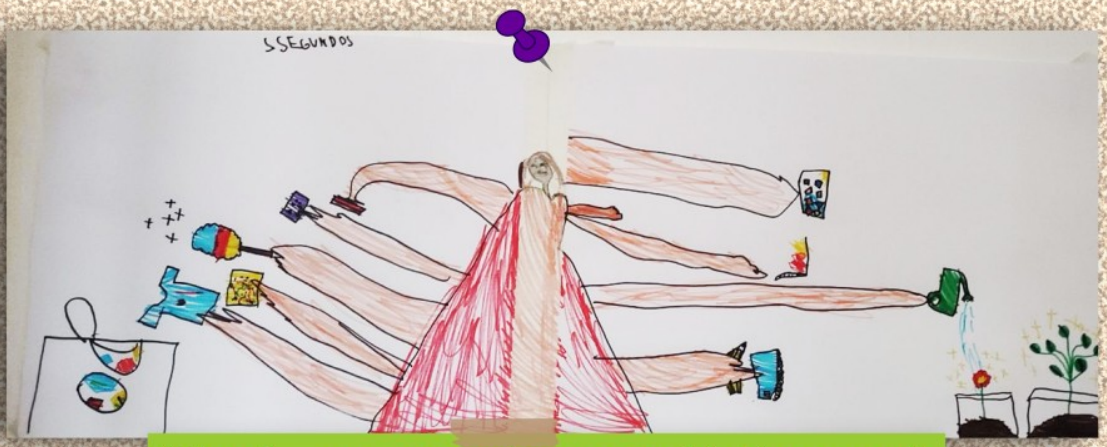
5. Buscar espaços adequados para crianças no entorno do evento. Essa preocupação deve começar desde a definição do local do congresso, dando preferência a espaços acessíveis — tanto pela localização quanto pela acessibilidade interna da instituição. Sabemos que nem sempre é simples, já que muitas instituições acadêmicas ainda carecem de infraestrutura física adaptada e acessível.

6. Buscar colaborações institucionais. A comissão organizadora das atividades de acolhimento deve buscar, antes mesmo de avaliar a demanda, colaborações com cursos como Pedagogia, Nutrição, Enfermagem e Educação Física, que podem desenvolver atividades para crianças a partir de projetos já existentes em suas unidades. Também é recomendável articular parcerias com espaços de lactários e creches geridos por secretarias ou núcleos de gênero das unidades acadêmicas.

7. Buscar entidades como cooperativas, organizações sociais ou empresas privadas que ofereçam serviços educativos e recreativos. Na impossibilidade ou insuficiência de alianças institucionais, é possível buscar orçamento junto a entidades externas provedoras deste serviço, com valores estipulados conforme o número de crianças — prática comum nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Em universidades argentinas há experiências de trabalho com cooperativas e organizações sociais para a validação de saberes do cuidado e a formação de plataformas de articulação. Sugere-se solicitar recomendações desses prestadores à equipe local de organização do evento. Em alguns casos, quando os congressos ocorrem em hotéis, pode ser mais fácil contratar esses serviços diretamente para as pessoas participantes.

8. Organizar os horários de início e término das atividades com as crianças de modo a não coincidir com as sessões principais do congresso. O tempo exato dependerá da localização do espaço de acolhimento. Recomenda-se que a chegada das crianças ocorra de 15 a 20 minutos antes do início das atividades do evento, e que seja previsto o mesmo intervalo ao final, para que as pessoas responsáveis cheguem ao espaço com tranquilidade.

9. Considerar medidas afirmativas para estudantes com crianças que desejem usar os espaços de acolhimento quando estes forem pagos. Essas medidas podem incluir descontos ou isenção nas taxas de inscrição do congresso e/ou no valor do espaço de acolhimento. Os valores e isenções só podem ser definidos com base em um estudo prévio da demanda, realizado com antecedência.



“Mamá, un monstruo multitareas”
Eloísa, quando tinha 5 anos

"Minha tia cientista" - Ícaro, 4 anos

Garantir a participação de crianças em eventos científicos não deve ser visto apenas como um apoio a mães e pais, mas como uma medida que fortalece toda a comunidade acadêmica. Ao criar espaços de acolhimento, as universidades demonstram seu compromisso com a equidade e a inovação institucional, ao mesmo tempo em que possibilitam que crianças desfrutem de experiências educativas, culturais e sociais em ambientes plurais e criativos. Trata-se, portanto, de uma iniciativa que beneficia simultaneamente pesquisadoras — que podem participar dos eventos com mais tranquilidade —, as universidades — que se tornam mais diversas, acessíveis e abertas aos desafios contemporâneos —, e as próprias crianças, que encontram nesses espaços oportunidades de aprendizagem e convivência.

Esperamos que esta cartilha contribua para o adequado acolhimento de crianças em eventos científicos. Caso tenha alguma sugestão ou dúvida, escreva para: rede.rafect@gmail.com

NOTAS

[1] STANISCUASKI, Fernanda et al. Bias against parents in science hits women harder. Humanities & Social Sciences Communications, v. 10, p. 201, 2023.
[2] STANISCUASKI, Fernanda; DE OLIVEIRA, Leticia ; INFANGER, Camila; TZANAKOU, Charikleia. Is Brazil ready for gender equality in science?. NATURE, v. 624, p. 522-522, 2023.
[3] STANISCUASKI, Fernanda et al. Gender, Race and Parenthood Impact Academic Productivity During the COVID-19 Pandemic: From Survey to Action. Frontiers in Psychology, v. 12, p. 1-10, 2021.
[4] STANISCUASKI, Fernanda et al. Impact of COVID-19 on academic mothers. SCIENCE, v. 368, p. 724.1-724, 2020.
[5] PARENT IN SCIENCE (BR). Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade.
[6] MINCYT (AR). Diagnóstico sobre la situación de las mujeres en Ciencia Y Tecnología. Atualização de 2022. Cidade Autônoma de Buenos Aires, 2023.
[7] UBA (AR). La Facultad de Filosofía y Letras aprobó la creación de un espacio de cuidado infantil.
[8] CNPQ (BR). CNPq anuncia inclusão do campo licença-maternidade no Currículo Lattes.
[9] ANID (CL). Extensión de beca por pre y post natal becas nacionales.
[10] CONICET (AR). Resolución de Directorio del CONICET RD 1816/2007 modificatoria del Reglamento de Becas de Investigación Científica y Tecnológica.
[11] SENADO (BR). Sancionada lei que dá direito a afastamento por maternidade para bolsistas de pesquisa.
[12] FAPERJ (BR). Programa de Apoio às Cientistas Mães aprova 98 propostas.
[13] MINISTERIO DE CIENCIA, TECNOLOGÍA E INNOVACIÓN (CO). Convocatoria 44 del formación de talento humano.
[14] MINISTERIO DE CIENCIA, TECNOLOGÍA E INNOVACIÓN (CO). Beca orquídeas para apoyar investigaciones de doctoras recientemente graduadas.
[15] CNPQ (BR). CNPq amplia prazo para avaliação de bolsistas após parto ou adoção.
[16] CONICYT (CL). Iniciación en Investigación 2018.
[17] CONICET (AR). Resolución de Directorio del CONICET RD 965/11 – Presentación de informes y Licencia por maternidad.
[18] CAPES (BR). Programa de Apoio a Eventos no País - PAEP EDITAL 22/2024.
[19] FAPESPA (BR) . No Pará, eventos científicos criam espaços infantis para oportunizar a participação de mães.
[20] MCTI (BR). Já conheceu o Espaço Kids da 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação?
[21] MINCYT (AR). Subsidio para gastos por tareas de cuidado en Reuniones científicas.
[22] UNICEN (AR). El I II Congreso Nacional de Economía Social y Solidaria ofrecerá un espacio de cuidado para las infancias.

Como acolher crianças em eventos científicos

Realização:

Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias (RAFeCT)

Redação:

Waleska Aureliano
Clarissa Reche Nunes da Costa

Contribuição:

Cecilia Rustoyburu
Daniela Tonelli Manica
Irene do Planalto Chemin
Lucía Eilbaum (Rede Transnacional de pesquisas sobre Maternidades Destituídas, Violadas e Violentada - REMA)
Maria Sol Anigstein
Tania Pérez-Bustos

Tradução para espanhol:

Daniela Tonelli Manica

Revisão da versão em português:

Daniela Tonelli Manica
Clarissa Reche Nunes da Costa

Revisão da versão em espanhol:

Daniela Tonelli Manica
Maria Sol Anigstein

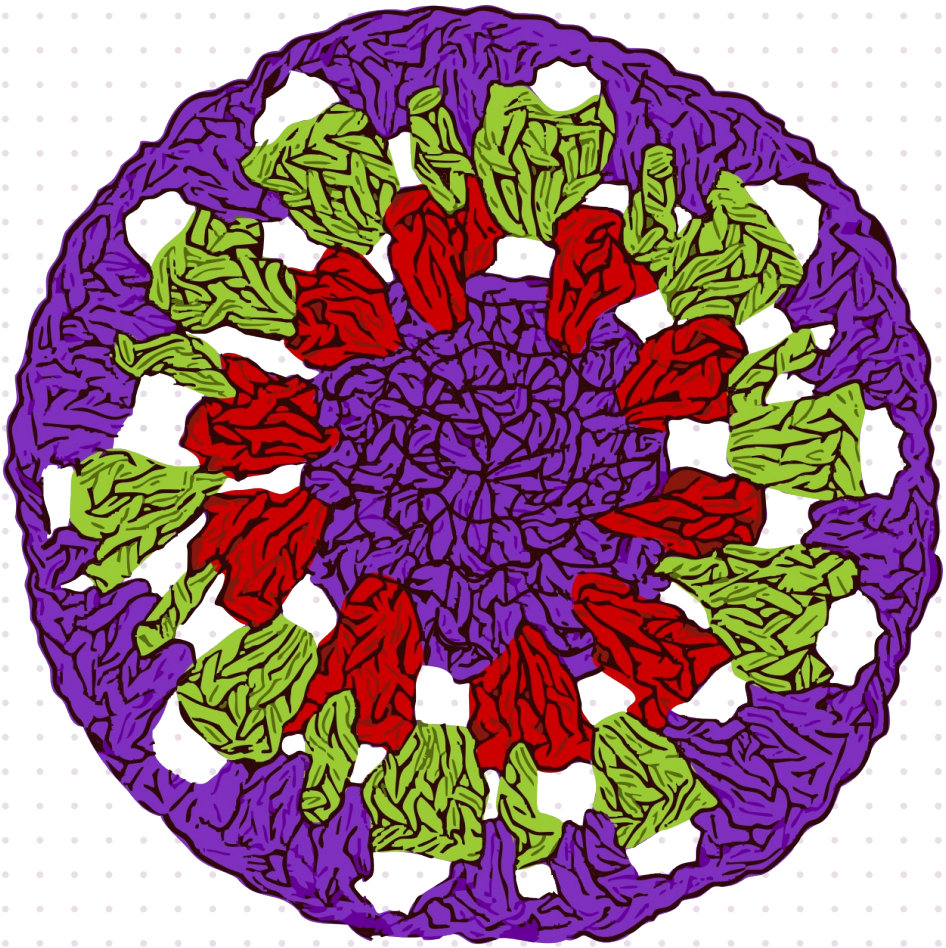
Ilustrações:

"Cientista menina", por Elena Nucci
"Minha tia trabalhando", por Maria Eduarda Parreiras Bernardes
"Laboratório do terror", por João Lino Camargo
"Ciências", por Teresa Martins
"Um novo germe" por Mel Almeida
"Um congresso de brincadeira", por Olívia Allebrandt Maureira
"Mamá, un monstruo multitareas", por Eloisa Bass Anigstein
"Minha tia cientísta", por Ícaro Reche Bitencourt

Projeto gráfico e diagramação:

Clarissa Reche Nunes da Costa

Dezembro de 2025



RAFeCT

Rede Latinoamericana de Antropologia Feminista das Ciências e Tecnologias